

Organizadoras

Cláudia Jardim, Luiza Freitas, Patrícia Passos

TEMAS EM PSICOLOGIA III:
INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA EM CENA



UNIVERSIDADE DE FORTALEZA

Fortaleza-Ce

2014

**FUNDAÇÃO EDSON QUEIROZ
UNIVERSIDADE DE FORTALEZA**

Av. Washington Soares, 1321

Bairro: Edson Queiroz; Telefax: +55 (0xx85) 3477.3000

CEP: 60.811-905 - Fortaleza - Ceará

<http://www.unifor.br>

Chanceler

Dr. Airton Queiroz

Reitora

Dra. Fátima Maria Fernandes Veras

Comissão Científica

Caciana Linhares Pereira

Luciana Lobo Miranda

Rosane Muller Costa

Veriana de Fátima Rodrigues Colaço

Revisão Ortográfica

Thiago Fonseca Veras

Comissão Editorial

Flávio Lúcio Pontes Ibiapina

Adriana Rolim Campos Barros

Marselle Fernandes Fontenelle

Patrícia Passos Sampaio

Luiza Maria Silva de Freitas

Cláudia Helena Santos Jardim

Capa e diagramação

Agência NIC

Ficha catalográfica

143i *Infância e adolescência em cena / organizadoras, Cláudia Jardim, Luiza Freitas, Patrícia*

Passos. - Fortaleza : Universidade de Fortaleza, 2014.

327 p. (Temas em psicologia ; 3)

ISBN 978-85-98876-79-5

1. Psicologia infantil. 2. Psicologia do adolescente. I. Jardim, Cláudia. II. Freitas, Luiza. III. Passos, Patrícia. IV. Série.

CDU 159.922.7/.8

DESTINOS DO ADOLESCER FACE AO DECLÍNIO DO PODER PARENTAL, À ORDEM GERACIONAL E À CONSTRUÇÃO DE IDEAIS

Leônia Cavalcante Teixeira

Natália Ramos

Carla Renata Braga de Souza

Capítulo 2

A adolescência é considerada um paradigma da condição subjectiva contemporânea (Alberti, 1999; Cadoret, 2003; Calligaris, 2000; Coutinho, Franken & Ramos, 2008; Fleming, 2005; Kehl, 2004; Rassial, 1996), sendo caracterizada como período de reorganizações identificatórias e identitárias no qual as mudanças do corpo e dos papéis sociais exigem um intenso trabalho de elaboração psíquica, já que, concomitante à emergência da puberdade, o contexto social reclama resoluções de ordem distinta das colocadas em cena na constelação familiar infantil.

No plano do senso comum, a adolescência aparece relacionada a um período de problemas, como: perturbações afectivas, de humor e de ansiedade; insucesso escolar; comportamentos delinquentes, ideações e actos suicidas e abuso de substâncias tóxicas.

Juntamente com a infância, a adolescência configura um momento da vida que nas últimas décadas tem sido fortemente valorizado e investido afectivamente pelas famílias, instaurando desafios ao sujeito quanto às vivências do seu corpo, às relações com os seus pares, à aproximação com as tarefas adultas, especialmente o trabalho, e com as experiências da temporalidade e da espacialidade no espaço urbano que se sobressaem ao espaço da família. Sair do campo familiar como espaço de segurança e de aconchego significa, além de ampliar os vínculos e se inserir no laço social e cultural, inaugurar um espaço psíquico complexo constituído pela submissão à Lei e às leis que regem a vida coletiva, pela aceitação de valores, regras e obrigações (Alberti, 1999; Birroux, 1996; Coutinho & Ramos, 2008; Kehl, 2004; Lesourd, 2004; Ramos, 2004, 2008a).

Rassial (1997, 1999/2005) aborda o adolescente a partir do momento que considera a adolescência como uma passagem necessária, em que há a queda dos ideais infantis para a recuperação dos ideais através da idealização de outros vindos do social. Tomamos como este o conceito de adolescência que norteará a construção da presente pesquisa, considerando a adolescência não somente como uma mudança de posição no social, mas sim, como o reposicionamento subjetivo do sujeito.

Este texto almeja tratar a adolescência e o sujeito adolescente a partir da construção da subjetividade que se dá entre o singular e o social, secundarizando as perspectivas que os vislumbram a partir de visões desenvolvimentistas. Salientamos que o foco deste estudo recai nos contributos da sociologia, da antropologia e da psicanálise, destacando características da cultura contemporânea, especialmente no que tange ao declínio das figuras antes representativas da Lei.

Intencionamos, assim, neste artigo, discutir as vicissitudes do poder parental na contemporaneidade, em relação à adolescência no mundo contemporâneo, mais especificamente sobre as identificações e os ideais dos adolescentes na contemporaneidade, a partir do referencial teórico da psicanálise e das suas articulações com as ciências sociais.

Com fins metodológicos, distinguimos adolescência e juventude como noções distintas e articuladas; considerando-se a adolescência como processo psíquico, singular, de passagem do mundo infantil ao adulto; enquanto a segunda privilegia o âmbito social do problema. Concordamos com essa proposta a partir do comentário de Lapassade, que assinala o uso do termo “adolescência” na psicologia e de “juventude” na sociologia (Lapassade citado por Abramo, 1994, p. 14). O adolescente que abordaremos neste trabalho é, pois, aquele próprio das sociedades modernas, que tem de enfrentar plurais possibilidades, vivendo conflitos familiares, culturais, afectivos, sociais e morais (Ramos, 2008a,b)

Sobre o adolescer e suas vicissitudes no processo de “sair de casa”

Na perspectiva de analisar o fenómeno da adolescência, acentuamos que a actualidade se delineia a partir de configurações sociais e culturais que foram sendo forjadas na modernidade pelo individualismo, pelo narcisismo e pelo hedonismo (Birman, 2000; Bauman, 2004, 2005, 2007a, 2008; Costa, 2004; Lasch, 1984, 1991; Le Breton, 2003b, 2004; Lipovetsky, 2004; Teixeira, 2001, 2003), desembocando num cenário civilizacional no qual as experiências do privado prevalecem frente aos valores

colectivos, à tradição e às posições de pais e filhos na ordem geracional (Corrêa, 2001; Paladino, 2005; Ramos, 2008a; Richard, 2001; Teixeira, 2006).

É no período da adolescência que o sujeito vai colocar em questão as construções dos períodos anteriores, próprios da infância, sendo assediado pelas transformações fisiológicas da puberdade que incitam a rever as suas posições infantis.

Desde Freud (1919/1976), o processo de separação/individuação adolescente é ressaltado como uma tarefa psíquica que envolve, como o processo de luto (Freud, 1919/1976), trabalho, tempo e sofrimento. Fleming (2005, p. 120) escreve que “o processo adolescente é desde logo definido por Freud num duplo registo, um reflectindo o outro em que ocorre: no registo da realidade externa, contemporâneo e contextual, expresso na forma de um conflito de gerações e no registo da realidade interna, no abandono das ligações aos primeiros objectos de amor é investimento em novos objectos heterossexuais extra familiares”. A autora reporta-se às ratificações de tal concepção freudiana citando as pesquisas de Dias Cordeiro (1979) e Amaral Dias & Nunes Valente (1984) quando ressaltam os trabalhos de luto que têm que ser realizados pelo adolescente: “luto pela fonte de segurança, luto renovado do objecto edipiano, luto pelo Ideal do Eu, luto pela bissexualidade e luto pelo grupo” (Amaral Dias & Nunes Valente, 1984 *apud* Fleming, 2005, p. 121).

Jeammet e Corcos (2005), Jerusalinsky (1999) e Rosa (2002) também destacam o valor do *entre* na abordagem da adolescência, seja na passagem das *imagos* ligadas à infância para a adolescência, seja na passagem do núcleo familiar para o laço social, seja pelo lugar ou pelo não-lugar entre continuidade e mudança, passado e futuro em que a adolescência aspira localizar-se.

Winnicott (1962/2001) já observara a oscilação dos adolescentes entre a posição de dependência e a de desafio frente aos adultos, chamando a atenção para a delicada tarefa delegada aos últimos e à sociedade como um todo: a tarefa de poder suportar esse endereçamento paradoxal.

Endereçamento que, por si só, convoca-os a não se esquivar desse “confronto”, o que, como ressalta Winnicott, é bem diferente de tentar ser compreensivo e de buscar a cura para os males da adolescência. Daí a sua afirmativa aparentemente ingênua e, às vezes, até mesmo um pouco incomoda no meio psicanalítico, de que a adolescência não tem remédio, a não ser o tempo e a experiência de passar por ela (Winnicott, 1962/2001). Entendemos que tais observações de Winnicott apontam justamente para o trânsito entre alienação e separação do Outro, segundo uma compreensão lacaniana, como parte fundamental do trabalho psíquico da adolescência (Costa, 2004). Trânsito este que, numa abordagem winnicottiana, envolve o exercício da dimensão de transicionalidade, ou seja, do encontro com objetos da cultura intermediários que possam ser apropriados e utilizados de forma singular por cada sujeito.

Os adolescentes estão em um momento de mudança na esfera dos seus ideais, em que há uma oscilação entre o eu ideal e o ideal do eu, ou seja, entre permanecer como objeto do desejo do Outro e passar a se posicionar enquanto sujeito de seu próprio desejo. Isso porque, ao deixarem de ser a projeção narcísica dos desejos de perfeição dos pais, e passarem a buscar os seus próprios ideais, devem voltar-se para o mundo social na busca de novos olhares sobre si. Nesse período de transição, de abalo no narcisismo o adolescente, muitas vezes, apega-se ao eu ideal, buscando um reconhecimento no Outro da sua imagem narcísica, até que efetivamente possa apropriar-se desse olhar e constituir um ideal do eu para si como instância de referência interna.

Segundo Freud (1921/1976), a identificação é caracterizada como a mais remota expressão de um laço emocional com outra pessoa, laço este que, normalmente, na nossa cultura, se dá com as figuras parentais, que ocupam inicialmente o lugar do ideal. No Édipo, o sujeito apropria-se de traços característicos desses objetos, que passam a constituir-se como modelos ou ideais internalizados. A partir disso, há uma busca pelo atendimento das exigências narcísicas que os ideais impõem ao eu. Posteriormente, sobretudo na adolescência, os objetos parentais vão sen-

do substituídos por outros provenientes do ambiente social, e, assim, as identificações e os ideais se renovam. Aos ideais da família, sobrepõem-se os ideais da comunidade, da escola, do trabalho, com a qual os jovens passam a manter laços mais ampliados e diversificados, ou da “tribo” da qual o adolescente passa a fazer parte.

Jeammet (2004, p. 66) destaca que o paradoxo típico da adolescência pode ser assim expresso: “O que eu preciso é o que me ameaça”, ressaltando os antagonismos inerentes aos dilemas de se afirmar perante si próprio e seus pais e adoptar uma distância em relação a eles. Tal movimento subjectivo faz com que: “A passagem adolescente seja uma experiência subjectiva inédita, que supõe uma forma de reapropriação, de resignificação da experiência temporal; tratando-se de uma situação limite, na qual o adolescente é posto na urgência de (re)temporalizar o seu próprio movimento de vir a ser, em articulação estreita com uma dinâmica de autonomização e de subjectivação” (Blanchard & Balkan, 2009, p. 375).

Uma das tarefas mais importantes que se colocam ao adolescente diz respeito a como responder à solicitação do Outro social. Este impõe ao sujeito adolescente uma *moratória*, como diz Coligares (2000), que indica um período de espera que atrasa a sua autorização para a entrada no mundo adulto. Período enigmático porque existe uma demanda que é feita pelo social – que não seja mais criança, que se situe na partilha dos sexos etc. –, mas que marca uma falta de lugar social, de reconhecimento. Tal como acrescenta Lesourd (2004), isso se deve ao fato de que a nossa sociedade moderna deixou de nomear os lugares em que os adolescentes devem ser admitidos pelo social, função que o rito de passagem cumpria, de modo que a tarefa de se inscrever no discurso social passou a ser uma tarefa a ser realizada individualmente e não coletivamente. Essa falta de mediação societária capaz de interpretar a convocação a que se vê submetido o sujeito diante das mudanças de ordem pulsional, narcísica e de estatuto frente ao Outro é que provoca o *adolescência* no interior da subjectividade de cada um, *adolescência* como uma *operação psíquica* que deve realizar-se internamente (Ruffino, 1995). Além de reafirmar o valor

do trabalho com grupos de adolescentes, tal constatação aponta para o fato de que a adolescência é, fundamentalmente, uma interação entre um sujeito e um momento social. Assim, o trabalho psíquico exigido do adolescente não depende apenas do sujeito, mas do que a sociedade pode ofertar a ele na forma de significantes e modos de gozo, ou seja, das condições de reconhecimento e acolhimento de que a sociedade dispõe. Dentro da perspectiva de espera propagada pelo discurso social, permeada pelo discurso moralista e naturalizante sobre os perigos da adolescência, a violência e os agires, o grupo possibilita ao adolescente um lugar de reconhecimento e intercâmbio destas questões junto aos pares.

Na adolescência, são importantes operações subjetivas que possibilitam a pertença e o reconhecimento do jovem como membro do grupo social e que dependem das formas, condições e estratégias oferecidas pelo grupo social. O discurso social projeta sobre o *infans* a mesma antecipação que é própria do discurso parental; o grupo pré-investirá o lugar que o sujeito ocupará, na esperança de que ele transmita, de forma idêntica, o modelo sociocultural. O sujeito deve encontrar nesse discurso referências que lhe permitam projetar-se no futuro para que o afastamento desse primeiro suporte não se traduza em perda de todo o suporte identificatório. Rassial (1997) aborda estas operações como inscrição e validação do grupo social.

Como nos mostra Rassial (1997), o adolescente segue o curso esperado para a formação de novos laços no social a partir de reestruturações dos laços familiares. Nisso, temos o adolescente formando grupos, ingressando nos relacionamentos afetivos e “escolhendo” seu posicionamento no campo profissional. Portanto, lançamos mão da teoria de Rassial quando consideramos a adolescência como uma operação psíquica, privilegiando o termo *passagem adolescente*. Tal conceito de adolescência elaborado por este autor privilegia o percurso do adolescente quando está saindo do seio intrafamiliar para o extrafamiliar em que é necessária a realização de operações subjetivas que marcam esse movimento de passagem.

Rassial (1997) lança mão do conceito de *passagem adolescente* para des-

41

acar esse momento de alterações subjetivas do sujeito que se repercutem no seu posicionamento no social, já que há o movimento do sujeito de saída de casa e da destituição dos seus pais do lugar de onipotência. Em consonância com Freud (1905/1976; 1909/1976) no que diz respeito à importância para o adolescente da mudança do estatuto na relação entre pais e filhos visando à entrada no laço social, Rassial (1997) acrescenta que é preciso ocorrer uma série de específicas operações subjetivas, em que três delas são essenciais. A primeira operação tem início ainda na infância, trazendo importantes repercussões na vida do sujeito, sendo o que Lacan (1949/1998) desenvolve como estádio do espelho, no qual a criança inicialmente está envolta numa relação em que não há diferenciação entre ela e o Outro. Tal momento lógico pode ser ilustrado pela separação e reconhecimento de si como parte diferenciada deste Outro materno que se apoia numa cena metafórica em que a mãe e a criança estão em frente ao espelho e o reconhecimento do Outro materno se dá por meio do seu olhar e da sua voz, ocorrendo a cisão entre o bebê e o mundo a partir da apropriação do significante dado pela mãe (Ramos, 2004). Enquanto na infância havia como marca essa separação do Outro, tem-se que na adolescência há um redirecionamento do olhar e da voz maternos para a busca desses mesmos elementos no Outro do Outro sexo. Então, há o confronto, próprio desse momento, com o sexo e a consequente renúncia à organização erógena infantil, que fica submetida à genitalidade.

Ainda pensando com Rassial (1997), a segunda operação subjetiva configura-se como consequência da primeira, a partir da introdução da metáfora paterna em substituição do desejo materno. Consequentemente, há uma reestruturação dos objetos maternos – a voz, o olhar e o significante – prevalecendo o Nome-do-Pai, tal como Lima (2008) acentua ao afirmar que o Nome-do-Pai toma a metáfora paterna e “vem inscrever a função simbólica do pai e a referência fálica vem dar uma nova significação às identificações do sujeito” (p. 261). Aqui, há indícios da formação das identificações e dos ideais do adolescente. Estas duas primeiras

operações proporcionam o acontecimento da terceira operação subjetiva fundamental para a passagem adolescente, visto que é posta como um período em que será testada a validação da inscrição do Nome-do-Pai. As figuras parentais infantis, que antes eram dotadas de poder, não mais se configuram dessa maneira, trazendo à tona as renúncias do momento edípico da infância, tanto o pai quanto a família perdem os seus valores iniciais de representantes imaginariamente do Outro. Esse momento em que os pais são desqualificados apresenta-se como uma ocasião importante ao adolescente, para a ocorrência da sua reestruturação, mesmo que isso se dê frente aos riscos subjetivos em que ele se encontra. Uma vez que, segundo Rassial (2000), esse sujeito está entre meios, ou seja, num momento de passagem do discurso parental que sustenta o laço familiar para um laço construído no social, em que é chamado a assumir um lugar na sociedade e responder por ele. Portanto, a adolescência configura uma posição temporária entre dois polos e dois “mundos”.

O adolescente reinscreve-se, superando, conservando e revelando o histórico do sujeito e conferindo-lhe novas significações. As ações ou acidentes, realizações, frustrações, encontros e desencontros promovem reorganizações estruturais importantes. Nessa medida, a constituição subjetiva e os sintomas que produz estão vinculados à inserção social, campo do Outro em que o adolescente busca inscrever-se. Na sociedade atual, predomina a busca do triunfo do Eu, construído como se pudesse prescindir do investimento do Outro, impossibilidade que o individualismo ofusca: impossibilidade de autoconstituir-se.

A adolescência é vista como fruto das implicações advindas das transformações sociais que incidem sobre os sujeitos. Ehrenberg (2004) e Lebrun (2004) mencionam as perdas dos referenciais, a transitoriedade do ser no social, a insegurança e a conflitualidade que permeiam esses sujeitos como uma das condições existentes na contemporaneidade. Devido às transformações sociais, esse momento deixou de ser apenas mais uma parte do processo de desenvolvimento do indivíduo como sujeito na sociedade e tornou-se um tempo ambíguo: almejado e impossível de

se superar.

Quando lançamos o olhar sobre o adolescente como figura valorizada nos dias atuais – desde a sua juventude até a sua maneira de se vestir são copiados e incorporados por toda a sociedade –, deparamo-nos com as mais diversas saídas que ele encontra quando está diante das transformações corporais e subjetivas do processo de adolecer e da efemeridade que a própria sociedade traz em si. Justo (2005) acentua o caráter de efemeridade da contemporaneidade ao debruçar-se sobre os relacionamentos amorosos dos adolescentes, destacando o “ficar” como modalidade de relacionamento afetivo marcado pela brevidade, sendo “passageiro, imediatista, volátil e descompromissado”. O autor relaciona a instantaneidade, como lógica prioritária dos processos de subjetivação contemporâneos, com o mundo do consumo, a cultura do descarte, as redes de informação e de produção de realidade virtual: “O ficar não é um modismo ou um fenômeno superficial e isolado, mas conecta-se com outras subjetivações produzidas na sociedade contemporânea. Aliás, tal modalidade pode ser tomada como expressão dos novos paradigmas de relacionamento emergentes nesse tempo. Obedece à mesma lógica que também governa relacionamentos de diferentes espécies e naturezas. A abreviação do tempo e o caráter efêmero e provisório do “ficar” estão presentes em outros cenários da contemporaneidade (Justo, 2005, p. 75).

Assim, a adolescência nos dias de hoje é vista tanto do ponto de vista estrutural da constituição subjetiva, como fruto das implicações que a transformação social e cultural incidiu e incide sobre os sujeitos. Principalmente quando se fala na perda dos referenciais simbólicos, na transitoriedade do ser no social, na insegurança que permeia esses sujeitos frente às novas modalidades de ligações afetivas e culturais, seja no espaço familiar, seja no meio social mais amplo (Ramos, 2004, 2008b). Com relação às configurações abordadas, acentuamos a falência das funções parentais na estruturação subjetiva do adolescente, particularmente a desorganização de vínculos familiares no que diz respeito à ordem das gerações e às relações intergeracionais.

Destinos do adolescer frente ao declínio do poder parental, à ordem geracional e à construção de ideias

A família é um fenômeno histórico, fenômeno social total, inseparável da sociedade global, o que indica que falar da família em geral, como única, é complexo, já que há diversos tipos de famílias, com novas configurações e diversos arranjos, quanto à dimensão, às culturas, às classes sociais e aos subgrupos na sociedade global. Apesar das mudanças profundas dos comportamentos familiares, verificou-se que: “Nos diferentes contextos sociais e culturais, a família, através dos seus membros e das diferentes gerações, proporciona suportes básicos afetivos, psicológicos e materiais indispensáveis ao desenvolvimento integral e ao bem-estar multidimensional dos seus membros, constituindo espaço social, relacional e educativo por excelência” (Ramos, 2008a, p. 315).

Contudo, a família – conceito complexo nas sociedades contemporâneas – tem vindo a perder alguma importância como instância de socialização, em prol de outras instituições, como a escola, os grupos de amigos, a universidade, os espaços de trabalho e de lazer... Tal constatação é paradoxal quando também percebemos que, cada vez mais, a estadia dos jovens no meio familiar vem-se prolongando. Para Anatrella (1988), podemos falar de uma sociedade adolescêntica, marcada por uma adolescência interminável, devido a vários fatores, como: ampliação do tempo de escolarização, dificuldades de ingressar no meio de trabalho e maior permissividade familiar, nomeadamente, quanto às possibilidades de manter relações amorosas e sexuais na casa dos pais.

Como consequência dos efeitos das novas configurações familiares e sociais, e não mais como um momento transitório, vemos o prolongamento da adolescência, em que há um encurtamento da infância, surgindo o que vamos encontrar em Almeida (2007) como o *adulescente*. Segundo a autora, o alongamento da adolescência chamou a atenção suficiente para que os tabloides britânicos denominassem esse fenômeno

como *adulescência*, o qual foi reconhecido “pela editora Oxford University como uma nova palavra da língua inglesa. O termo mistura em inglês, a palavra *adult* (adulto) e *adolescent* (adolescente), que passou a definir a juventude estendida e prolongada” (Almeida, 2007, p. 95).

Corrêa (2000), Garcia (2000), Moura e Pinheiro (2000) e Saggese (2000) reconhecem a adolescência e abordam-na com variadas significações, unindo-se à concepção de invenção. A modernidade apresenta-se caracterizada através da *expansão*, em que há o empobrecimento ou desaparecimento da singularidade do sujeito, e da *velocidade*, gerando o declínio da função social do pai, influenciando e alterando a estrutura da subjetividade e a organização dos laços sociais.

Consequentemente, há modificações na estrutura familiar, no laço conjugal, na função da transmissão formadora do sujeito e na relação deste com o seu semelhante e suas configurações históricas e sociais. Portanto, a adolescência é vista, sobretudo, como um trabalho psíquico do sujeito que tenta dar conta das transformações corporais e das relações com os pais e com os pares que são inevitáveis, para isso recorrendo a uma operação simbólica e à necessidade de uma estrutura, que se faz presente numa sociedade onde o Nome-do-Pai é minimizado.

A adolescência pode ser compreendida como um evento subjetivo, passagem da infância para a vida adulta, que se inicia com as transformações da puberdade. O sujeito adolescente é aquele que se vê confrontado com as metamorfoses de seu corpo, com as novas situações que lhe são agora conferidas no mundo dos “grandes”, precisando situar-se como adulto entre os adultos. O encontro com o real das modificações corporais e com o real do sexo, bem como a reedição inconsciente do conflito edípico, exige modificações psíquicas do adolescente (Alberti, 2004; Rassial, 1997; Ruffino, 1993). A necessidade de desligar-se dos pais é um dos feitos psíquicos mais dolorosos para o jovem, segundo Alberti (2002). Ao descobrir o logro da promessa edípica, acontece uma quebra das identificações do adolescente com os pais imaginários da infância, o que o leva a um afastamento destas figuras. A contestação da palavra dos

pais e a saída do lar familiar rumo ao laço social levam à necessidade de encontrar outras referências além das parentais, ou seja, o sujeito vê-se diante da exigência de realizar uma nova construção identificatória. Nesse momento, os adolescentes lançam mão de algumas estratégias como forma de assegurar uma marca de identificação.

Na adolescência, é a estrutura subjetiva que está em causa, devido ao abalo sofrido pelo imaginário. O jovem precisa emergir e sustentar-se, e necessita de outras referências além das parentais. Nesse contexto de construção de novos ideais, a principal referência torna-se o grupo de amigos: os pares serão as grandes fontes de identificação deste momento. Uma característica bastante notável dos grupos adolescentes da atualidade é o fato de se organizarem em torno de um laço fraterno socializante, seja para lutar contra o tédio do dia a dia, seja para buscar certo ideário, e eles estão, geralmente, envolvidos com determinadas atividades culturais (Coutinho, 2005).

Corrêa (2000), Garcia (2000), Ruffino (2000) e Saggese (2000), investigando acerca da adolescência como fruto, objeto de publicidade, lucro, invenção ou mesmo sintoma da modernidade, reconhecem a existência do declínio dos representantes da lei e a pobreza dos limites num mundo onde “tudo é permitido”.

Podemos pensar numa falência do significante pai ou numa atribuição diversa de significado como marca registrada de um momento civilizatório? Na segunda hipótese, não está suposta uma alteração na forma de constituição da subjetividade. Pode haver um “mascaramento” evidente da função paterna, mas não será precipitada a ideia da sua queda ou exclusão? O poder patriarcal perdeu grande parte de seus atributos, mas ele preservou a sua função no registro da transmissão do nome, com tudo o que isso comporta. Se, na nossa cultura, a referência ao pai é a mais apta para testemunhar à criança que se trata de uma delegação, e não de um poder abusivo, é porque, também aqui, encontramos esse traço específico do funcionamento psíquico, o qual faz com que o conhecimento ou o reconhecimento seja precedido de um pré-investimento daquilo que deve

ser reconhecido.

Outro aspecto importante é a prevalência do discurso social não suportado pelo discurso familiar, ou melhor, parece não existir um discurso social amparado no discurso familiar e vice-versa, o que se observa em relação ao apagamento do discurso familiar como referência balizadora para os adolescentes. Tais desencontros apontam para o fato de enfraquecimento da liderança do pai, preocupação já presente em Freud, quando declara a sua preocupação frente ao avanço da modernidade e à constituição de uma subjetividade em que a liderança do pai desaparece. Preocupação compreensível na medida em que, para Freud, a subjetividade sexuada é consequência de um discurso constituído pelos significantes sociais que operam no nível da dialética supereu - ideal do eu.

No constrangimento da entrada na cena social, emergem processos psíquicos característicos da adolescência. Nessa medida, pensamos, com Ruffino (1998), a adolescência como a produção de um processo subjetivo tecido na modernidade para suprir as falhas nas estruturas sociais em atribuir ao adolescente um lugar em harmonia com a sua condição de sujeito desejante e participante. Tais falhas favorecem a sua exclusão da estrutura social, especialmente na sociedade atual, muito em particular nas sociedades portuguesa e brasileira, nas quais o aumento crescente das desigualdades sociais significa, na prática, diferentes direitos quanto ao acesso à saúde, à educação, ao trabalho etc. e a exclusão dos modos de satisfação e aproveitamento desse momento social.

O adolescente, na contemporaneidade, particularmente nos grandes centros urbanos, depara-se com uma organização social regida pelo discurso neoliberal, que, embora regida pela lei do mercado, propaga uma presumida liberdade e igualdade de direitos e oportunidades, através da qual acena com uma plena realização para todos a partir de formas massificadas de consumo. No entanto, como demonstra Calligaris (1991) em *A Sedução Totalitária*, mesmo tendo dissimulada a sua aparência ditatorial, o princípio atual que rege a nossa vida social é totalitário ou fundamentalista. Totalitário no sentido de que pretende ser regido por

um aparente sentido: a democracia e o interesse coletivo, deixando obscurecido o imperativo do funcionamento do capitalismo, no qual o funcionamento da máquina satisfaz os indivíduos, ao mesmo tempo, em que os exime de responder pelas suas ações.

Paradoxalmente ao culto do individual – traço da cultura contemporânea –, observamos resistências de pais e de filhos a vivenciarem a experiência de separação/individuação, o que desenha um cenário social paradoxal, pois, cada vez mais, o adolescente é convidado a manter-se na posição confortável de filho, isto é, “em casa” (Anatrella, 1988; Delaroche, 2005; Ladame, 2005; Tisseron, 2001), enquanto lhe são direccionados apelos para entrar no mercado de trabalho, participar da cadeia produtiva, profissionaliza-se. Junto a essas características ambivalentes das sociedades contemporâneas, reforçamos, como já abordado, que o “Outro”, no sentido da alteridade, pode constituir uma ameaça (Bauman, 2004a, 2004b, 2005, 2007a, 2007b, 2008; Birman, 2000; Costa, 2004; Lipovetsky, 1993, 2004; Ramos, 2004, 2008b), dificultando a construção de laços sociais e, em relação ao processo adolescente, a escolha de objectos de amor fora do âmbito familiar, reforçando as tentações de manutenção de posições subjectivas infantis.

No mesmo sentido, destacamos que Oliveira (2001) analisa a adolescência “exacerbada” e “fora-de-lugar” como um atalho na via do reconhecimento e expressão de uma autonomia reativa. Em busca de autoafirmação do tipo individualista e narcisista, enfatizamos que a adolescência, quando associada à incitação ao consumo, uma das características do contemporâneo, vê-se tensionada frente o infinito oferecimento de bens, quando os adolescentes não possuem condições para a sua aquisição.

O declínio do poder parental e das instituições sociais como suas representantes frente às crianças e aos adolescentes deve ser lembrado como aspecto importante no processo de construção de idealizações, já que os pais parecem não mais constituir figuras que presentifiquem ideais, especialmente devido, segundo Tisseron (2001), à redução dos seus

prestígios sociais e à ascensão da imagem como modelo de relação consigo e com o outro. A questão sobre a *queda ou o enfraquecimento do pai* e da sua substituição pelos saberes sociais representantes de discursos científicos hegemônicos, como os representados pelo pediatra, pelo psicólogo, pelo educador, pelo sexólogo, entre outros, constituem agentes que terminam por responder no lugar em que a resposta paterna deveria ter lugar.

Tisseron (2001) destaca o papel dos pares ocupando os lugares de irmãos, irmãs e camaradas, em detrimento dos modelos parentais, bem como das novas tecnologias da informação, com suas possibilidades de comunicação e de exposição em tempo real de modo globalizado, ultrapassando fronteiras de tempo e de espaço.

O adolescente encontra-se premido por um tempo que avança rapidamente tendo que elaborar e movimentar-se na profusão de acontecimentos que se desencadeiam à sua volta. É sobre ele que se realiza mais extensiva e radicalmente a ruptura das fronteiras do tempo tornando-o um sujeito instantâneo, pronto para responder a todas as demandas e ondas que se formam ao seu redor. Não pode adiar ou remeter para um “futuro” algumas realizações e necessidades. O mundo do consumo não comporta adiamentos, apegos, estabilizações, recusas, renúncias, parcimónia, paciência e tolerância. (Justo, 2005, p. 68)

Delaroche (2005, p. 53) propõe apreender os sentidos da adolescência a partir “de um movimento circular que alie projecção e introjecção, imaginário e simbólico, fenómenos inconscientes que dão forma às duas principais manifestações, contraditórias e complementares, que são o desafio e o luto”. O desafio diz respeito às exigências de se distinguir dos pais e dos pares, fazendo uso, para tal fim, das figuras idealizadas, que podem ser de “ídolos, de um primeiro amor, de uma vinculação apaixonada a um amigo”, mantendo com elas relações de ambivalência entre a projecção dos sonhos infantis de onnipotência – que tem como matriz o Édipo – e seu interdito. Quanto ao luto dos objectos infantis de amor, este é fundamental no tocante à operação simbólica da introjecção de novas figuras, novas imagens para além do núcleo familiar.

Notamos que, perante a irrupção do social, vemos como o adolescente se encontra confrontado com a ocorrência das mudanças corporais e sociais, ao passo que não há figura consistente a que recorrer, já que os ideais, constituintes da subjetividade infantil, estão fragilizados. A urgência na construção de ideais ergue-se como premente no processo do adolecer.

Pensar a adolescência é considerar, primeiramente, a transformação que esse momento implica na vida do sujeito e daqueles que estão ao seu redor. Em virtude dessas transformações, Dolto (1990) escreve que essa é uma fase de mutação, mas de fundamental importância, já que possibilita a “morte da infância”. Aberastury e Knobel (1981/2000, p. 28) acentuam a ideia de elaboração do luto pela vida infantil, bem como o traçado de um caminho para a independência financeira e “de potencialidade criativa e de aprendizagem que possibilitam adaptação, inserção num grupo social”.

Ao passo que esses acontecimentos da adolescência ocorrem, ela é normalmente vista como um período de crise, mas que chega para todos, sem distinção. Aberastury e Knobel (1981/2000) abordam o conceito de “crise da adolescência” como essencial para o estabelecimento da identidade do adolescente, que se vê confrontado com o mundo dos adultos, precisando desprender-se da sua vida infantil. Nesse momento, o adolescente estará elaborando o luto de si mesmo como criança e dos seus pais infantis. Segundo Aberastury e Knobel (1981/2000), na adolescência, há uma vivência de dois tipos de lutos necessários: o luto pela identidade infantil e o luto pelos pais infantis, que, se antes permitiam tudo, agora sancionam as vontades e desejos dos seus filhos adolescentes. Para os adolescentes, os pais deixam de ser onipotentes e são destituídos desse lugar porque precisam, por sua vez, vivenciar e elaborar o luto pelos filhos, que antes eram crianças e se apresentam em constante crescimento e transformação.

A realização do luto infantil é necessária através do luto pelo corpo de criança, que, agora, sofre as mudanças biológicas e fisiológicas caracteri-

zadas, transformações que marcam o sujeito com um mal-estar social e psíquico, uma vez que as transformações pela qual passa traz implicações no seu cotidiano. Concordando com o que Freud já trouxera em *Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, Alberti (1996) irá centralizar-se na adolescência como um período em que o sujeito se vê diante da maturação sexual que se baseia no desencadeamento de uma transformação pulsional, uma vez que esse sujeito estará reorganizando os seus conflitos edipianos. Isso quer dizer que o adolescente está diante de uma “pane do supereu”, como denominou Rassial (1997, p. 39). Parece dispor de meios para passar de um supereu parental para um supereu coletivo, marcando a passagem de um *eu ideal* para um *ideal do eu*, sem, no entanto, ter condições psíquicas para fazê-lo, ou mesmo a sociedade favorecer que ele possa realizar essa difícil passagem. Com a falência das identificações infantis, através da destituição parental como soberanos do poder, o lugar que o sujeito ocupava respondendo ao desejo dos pais é abalado. Em outras palavras, o eu ideal construído essencialmente pelas identificações imaginárias infantis, vão de encontro com as transformações subjetivas decorrentes da formação de laço social e da nova configuração que os ideais estão assumindo para o adolescente, de maneira que o ideal do eu faz fronteira entre os laços familiares e sociais (Coutinho, 2005a, 2009; Rassial, 1997, 2005). Nesse âmbito, o adolescente é solicitado a ocupar um lugar no social, lugar este que virá com novas posições frente ao desejo e ideais, essencialmente na constituição do *ideal do eu*. É a partir do ideal do eu que o sujeito irá responder às exigências sociais de acordo com os ideais construídos e sustentados pela internalização do Nome-do-Pai (Coutinho, 2005a, 2005b, 2009, Rassial, 1997, 2005). Para Freud (1914/1976), o ideal do eu é uma instância essencial para estudar a relação entre o sujeito e o social, situando-se na base da teoria sobre a identificação e dos ideais, acontecimentos que permeiam a formação e manutenção do laço social.

Como vemos, uma das marcas do *adolecere* (Fleming, 2005) constitui a “saída de casa” (Fleming, 2005; Jerusalinsky, 1999; Le Breton,

2003a, 2007; Lesourd, 2004; Outeiral, 1994; Rosa, 2002) e os consequentes conflitos vivenciados tanto pelos adolescentes como pelas famílias, sujeitos-adolescentes aparecem como figuras que põem em cena, isto é, que denunciam organizações familiares que silenciam quanto às marcas psíquicas derivadas de transmissões geracionais que eclodem em constituições psíquicas singulares. Tais heranças geracionais inconscientes impõem aos sujeitos-adolescentes a construção de estratégias de vida psíquica que ora se encaminham em direcção ao assumir posições subjetivas diversas das infantis ou não (Coutinho & Ramos, 2008; Fleming, 2003, 2005; Matheus, 2007; Outeiral, 1994; Pontalis, 2005; Rosa, 2002; Teixeira, 2001, 2003b; Weinberg, 2001).

As considerações expostas ressaltam a importância dos trabalhos, concomitantes, de luto das posições infantis e de construção e conquista de posições ligadas ao mundo dos adultos, onde o laço social mais amplo que o familiar exige do sujeito operações diversas das marcantes na infância, embora também marcadas pelo infantil e pelos modos de subjetivação forjados no espaço familiar. Tais conquistas subjetivas instalam o sujeito-adolescente de modo diverso frente à cadeia geracional, sendo esta ratificada, ou não, pela sua inserção como filho frente às figuras parentais, mesmo que essas tenham que ser, mediante a introjeção e ressignificação de suas funções, metaforizadas por figuras do social, tanto quanto como representantes da Lei, quanto sustentáculos de identificações. Seguindo tal raciocínio, pensamos que a falência da figura paterna como representante da Lei para o filho, responsável pela transmissão dos ideais e dos valores sociais, quando em declínio, traz implicações que devem ser consideradas quanto às dificuldades do sujeito-adolescente se localizar numa ordem geracional (antecedentes - contemporâneos - descendentes), já que a ordem temporal parece apresentar-se em confusão (passado - presente - futuro), dificultando a aderência a projetos que exigem a construção de ideais e de uma aposta no futuro. Como nos alerta Justo (2005, p. 68): “Enquanto subjetivador por excelência da lógica da instantaneidade, o adolescente se coloca nem tanto mais como o futuro

ou promessa da realização dos sonhos das gerações anteriores, mas como aquele que está frente de seu próprio tempo, portanto, já consumando o próprio futuro. Aliás, o sonho enquanto uma visada longínqua já não tem lugar no mundo da instantaneidade. No máximo, pode aludir a algo que esteja ao alcance e que possa ser conquistado rapidamente”.

Considerações finais

As discussões acerca da adolescência e do adolescente expõem intersecções, demonstrando que esse sujeito é figura representativa de um momento perante a emergência das inevitáveis mudanças corporais e da chamada a um posicionamento em presença do próprio sexo, o outro como seu semelhante nos “novos” relacionamentos entre eles e na relação parental. Indo mais além, quando pensamos na adolescência como um paradigma do sujeito contemporâneo, apresentando como reflexo do momento atual “que vive uma promessa de renovação do laço social e um perigo de uma catástrofe sócio-simbólica” (Almeida, 2007, p. 26).

Não podemos deixar de correlacionar as considerações aqui construídas acerca do adolecer na contemporaneidade com as consequências, nas últimas décadas, da implantação do modelo político-económico neoliberal. Ferreira (1995, p. 72) escreve: “A cada etapa da história ocidental correspondem determinadas racionalidades. Em cada uma delas forjam-se subjetividades próprias, que se objetivam como modos singulares de ver, sentir e agir no mundo”. Daí que, para compreendermos o processo de constituição da subjetividade na contemporaneidade, não poderemos prescindir de uma breve contextualização do momento vivido na atualidade.

O mundo moderno encontra-se diante de transformações culturais e de novos conhecimentos, resultantes da rápida produção e circulação de informações, das novas formas de relação entre trabalho, cidadania e aprendizagem e do impacto advindo das novas tecnologias. É marcado pelo aumento acelerado do consumo e por uma necessidade de massifi-

cação. A mídia assume nesse cenário um papel central. Tal como coloca Miranda (2000, p. 30), “a mídia, ao mesmo tempo em que proporcionou a possibilidade de novos encontros, através de sons e principalmente de imagens, constituindo certa democratização de informação e consequentemente do saber, trouxe certa homogeneização de valores, de padrões, de costumes, bem como de subjetividades”. A impunidade e a descrença na política e na intervenção perpassam o laço social. A insuficiência do Estado na função prioritária ligada à gestão de políticas sociais tem produzido desamparo, incremento – real e imaginário – de medo e ascensão nos índices de atos infracionais entre adolescentes.

Marty (2006, p. 123-4) enfatiza que o apoio narcísico parental, recurso interessante para que os pais possam oferecer sustentação à agressividade constitutiva do adolecer, implica: “dar-se como adulto ao adolescente que o procura para confrontar-se com ele; oferecer limites, como quem oferece um presente (o dever dos limites – P. Legendre); resistir à destrutividade da violência adolescente, sem por isso contrarregar pela violência, seja verbal, seja, pior ainda, física; ter confiança no processo da adolescência”.

Com relação às questões geracionais Marty (2006, p. 124) destaca como tarefas que competem aos adultos:

Dar nomes às coisas, povoar de marcos que façam sentido o mundo de relações entre as gerações. É muito frequente que os adultos tenham medo dos adolescentes, nessa ocasião em que os adolescentes precisam dos adultos. Conversar, sem se confundirem com eles nem se ignorarem. É aos adultos que compete à responsabilidade de orientar os mais jovens.

O autor busca relevar a importância dos lugares parentais e das funções deles advindas, ressaltando que há tarefas que competem aos adultos e que a confusão entre os lugares de pais e de filhos contém perigos que podem instalar o adolescente num espaço psíquico onde o risco de autodestruição seja a figura que atualize o desamparo e a exclusão. Cabe aos pais, como mais velhos e representantes da cultura, amparar a agressividade do adolescente nesse momento de passagem. Para tanto, os pais,

eles mesmos, têm de ter elaborado os seus lugares pertinentes à mudança dos seus estatutos na cadeia das gerações.

Tomando como cenário as mutações actuais das sociedades, das famílias e das culturas, os sujeitos-adolescentes aparecem como figuras que, dramaticamente, põem em cena estratégias de sobrevivência, desencadeando patologias destrutivas: “tais radicalizações da violência interna podem ser encontradas em jovens sujeitos tomados por segredos, não-ditos, por *“fictions-écrans”* (Cadoret, 2003, p. 208). Partindo da premissa que os modos de subjectividade são firmados no *pathos* (Berlinck, 2000) e que um saber sobre o sofrimento humano constitui uma tentativa de atribuir sentidos à experiência, consideramos que as experiências de risco dizem respeito à existência, não lhes sendo alheia, porém, exprimindo o carácter inexorável da morte, com a qual todos nós temos que nos confrontar, consistindo os nossos sofrimentos reacções às ratificações da finitude.

Cadoret (2003, p. 208) acentua que “as cenas de sofrimento do exílio da infância” podem-se apresentar de modo impressionante frente ao trabalho de se constituir num corpo sexualizado, que se dá antes do trabalho de se apropriar do laço social, passagem denominada pela autora de “infância exilada”. A partir de tais considerações, a adolescência instaura desafios ao sujeito em sofrimento quanto às vivências do seu corpo, às relações com os seus pares e com as vivências da temporalidade e da espacialidade que podem desencadear desorganizações subjectivas que se apoiam nos campos da violência, da depressão, do suicídio, da toxicod dependência e das práticas de automutilação corporal.

Essas questões ressaltam o lugar dos ideais no processo de construção subjectiva, na passagem adolescente. Matheus (2003, p. 2) escreve a respeito da construção de ideais:

Cada geração, em sua heterogeneidade, contém a diversidade de caminhos produzidos por seus membros; porém, nas diferenças, os pares tendem a estabelecer laços de identificação que lhes facultam permanência neste momento errante. É deste prisma que se pretende tratar os ideais da geração jovem, enquanto pontos de aproximação de sujeitos que, no hiato do mundo infantil ao adulto, constroem referências comuns, a partir de experiências

afins, em dado momento histórico e cultural. Lembre-se, porém, que os ideais de cada sujeito não são congruentes aos de sua geração: deles participam, cada qual a seu modo, ficando por eles marcados. Os ideais singulares, portanto, expressam os da geração, mas estes últimos não estão circunscritos a este ou àquele sujeito.

Também Fischer (2008, p. 668) ergue questões interessantes sobre o lugar do adolescente na contemporaneidade, assim expressas pela autora:

Estariamos narrando o jovem como um “outro” colonizado, como alguém que vem se tornando uma espécie de objeto exótico de desejo e curiosidade? E como pensar a “adulação” de que fala Bauman (2001), desse convite a uma espécie de ditadura jovem em nossa cultura? Ainda: os jovens “diferentes”, cada vez mais contemplados na mídia e na publicidade, estariam sendo acolhidos como “diversidade multicultural” ou na sua condição de diferença mesmo, como outros irredutíveis, completo mistério, “différance” (Derrida & Roudinesco, 2004)? Finalmente (e não menos importante): como esses jovens narram sua experiência com o tempo presente, passado e futuro, tendo como centro de atenção as imagens pelas quais as diversas gerações, especialmente a deles mesmo, os têm inventado?

As concepções sobre o adolescente precisam ser lidas através de uma análise crítica multifacetada, sendo necessário ter em conta diferentes âmbitos, entre eles: o legal-ideológico, o conceitual, o imaginário social, as políticas públicas e as concepções sociais, assistenciais e terapêuticas que permeiam a saúde mental. Concluímos que a adolescência constitui um constructo temporal e os modos de concebêmos e vivenciarmos o tempo não é um dado biológico nem metafísico, mas plenamente social e cultural (Leccardi, 2005), daí ser fundamental contextualizar o sujeito adolescente como singular num espaço coletivo.

Referências

Aberastury, A. & Knobel, M.. (2000). Adolescência Normal: um enfoque psicanalítico. Porto Alegre: Artmed.(Originalmente publicado em 1981).

Alberti, S.(1996). *Esse sujeito adolescente*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará.

Alberti, S. (1999). *Esse sujeito adolescente*. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos.

Alberti, S. (2002). O adolescente e seu pathos. *Psicologia USP*, 13 (2), 183-202.

Alberti, S. (2004). *O adolescente e o outro*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Almeida, M. C. (2007). *Adolescência, figura cultural exemplar da posição transicional: paradigma do sujeito moderno*. Dissertação do Mestrado em Psicologia, Universidade de Fortaleza, Ceará, Brasil.

Anatrella, T. (1988). *Interminables adolescences*. Paris: EdCerf.

Bauman, Z. (2004). *Amor líquido. Sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: JZ.

Bauman, Z. (2005). *Vidas desperdiçadas*. Rio de Janeiro: JZ

Bauman, Z. (2007a). *Vidas Líquidas*. Rio de Janeiro: JZ

Bauman, Z. (2007b). *Tempos líquidos*. Rio de Janeiro: JZ.

Bauman, Z. (2008). *Vida para consumo*. Rio de Janeiro: JZ.

Berlinck, M. T. (2000). *Psicopatologia Fundamental*. São Paulo: Escuta

Birman, J. (2000). *Mal-estar na actualidade: A psicanálise e as novas formas de subjectivação*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Birraux, A. (1996). Psicopatologia do adolescente. In *Dicionário enciclopédico de psicanálise: o legado de Freud e Lacan*. Rio de Janeiro: Zahar.

Blanchard & Balkan. (2009). La temporalité à l'adolescence. Les avatars Du processus de temporalisation pubertaire. *Psychiatrie de l'enfant*. LII, 2, 373-402.

Cadoret, M. (2003). *Le paradigme adolescent*. Paris: Dunot.

Calligaris, C. (1991). A sedução totalitária, in *Clínica do Social. Ensaio*, São Paulo, Escuta.

- Calligaris, C. (2000). *A adolescência*. São Paulo: Publifolha
- Corrêa, A. I. G. (2000). O adolescente e seus pais. In: *Congresso Internacional de Psicanálise e suas Conexões*, 1999; Rio de Janeiro, Anais, Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2000, 123- 132.
- Corrêa, O. B. R. (2001). *Os avatares da transmissão psíquica geracional*. São Paulo: Escuta.
- Costa, A. M. (2004). A transicionalidade na adolescência. In A. M. Costa, C. Backes, V. Rillo & L.F.L. Oliveira (Orgs.), *Adolescência e experiência de borda*. Porto Alegre: UFRGS. 165-193.
- Coutinho, L. G. (2005a). O adolescente e os ideais: questões sobre um mal-esta contemporâneo..In: SIMPOSIO INTERNACIONAL DO ADOLESCENTE, 2., 2005, São Paulo.*Proceedings online...* Encontrado em 04 de abril 2010,http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000082005000200021&lng=en&nrm=abn
- Coutinho, L. G. et al. (2005b). Ideais e identificações em adolescentes de Bom Retiro. *Psicol. Soc.* [online]. 17(3). pp. 50-56. ISSN 0102-7182. Encontrado em 01 de abril de 2010 em <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v17n3/a07v17n3.pdf>
- Coutinho, L.G. (2009). *Adolescência e errência: destinos do laço social no contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nau, Faperj.
- Coutinho, M. da P.L. & Ramos, M. N.(2008). Distúrbios psicoafectivos na infância e adolescência: um estudo transcultural. *Psico*, 39,1, 14-20.
- Delaroche, P. (2005). *A adolescência: desafios clínicos e terapêuticos*. Lisboa: Climepsi.
- Dias Cordeiro, J. C. (1979). *O adolescente e a família*. Lisboa: Relógio D'Água.
- Dolto, F. (1990). *A causa adolescente*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Ehrenberg, A. (2004). Les Changements de la Relation Normal – Pathologi-

que. Em *Revue Esprit* (pp. 133-156), n.304, Paris: France.

- Erikson, E.H. (1972) *Identidade, Juventude e Crise*. Rio de Janeiro: Zahar ed..
- Fleming, M. (2003). *Dor sem nome. Pensar o sofrimento*. Porto, PT: Afrontamento.
- Fleming, M. (2005). *Entre o medo e o desejo de crescer. Psicologia da Adolescência*. Porto, PT: Afrontamento.
- Fischer, R.M.B. (2008). Mídia, juventude e memória cultural. *Educ. Soc.*, Campinas, vol. 29,(104) - Especial, p. 667-686.
- Freud, S. (1976). *Psicologia de grupo e análise do ego*. (Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Vol. 13. Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1921)
- Freud, S. (1976). *Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. (Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Vol. 07). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1905)
- Freud, S. (1976). *Romances familiares*. (Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Vol. 9). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1909)
- Freud, S. (1974). *Sobre o narcisismo: uma introdução*. (Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Vol. 14). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1914)
- Garcia, A. (2000). *A dor do adolescer*. In: Congresso Internacional de Psicanálise e suas Conexões em 1999, Anais, Rio de Janeiro: Companhia de Freud. 157- 163.
- Heywood, C. (2004). *Uma história da infância: da Idade Média à época contemporânea no Ocidente*. (trad. Roberto Cataldo Costa). Porto Alegre: Art-med.
- Jeammet, P & Corcos, M. (2005). *Novas problemáticas da adolescência:*

- evolução e manejo da dependência*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Jeammet, P. (2004). *Anorexie, boulimie. Les paradoxes de l'adolescence*. Paris: Hachette.
- Jerusalinsky, A. (1999). Traumas de adolescência. In APPOA. *Adolescência entre passado e futuro*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 10-28.
- Justo, J. S. (2005). O "ficar" na adolescência e paradigmas de relacionamento amoroso da contemporaneidade. *Revista do Departamento de Psicologia*. Rio de Janeiro: UFF, v. 17, nº 1, jan.-jun, 61-77.
- Kehl, M. R. (2004). O espetáculo como meio de subjetivação. In E. Bucci & M. R. Kehl. *Videologias* (pp.43-62). São Paulo: Bointempo.
- Lacan, J. (1998). O estádio do espelho. In *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Originalmente publicado em 1949)
- Ladame, F. (2005). *Les éternels adolescents*. Paris: Odile Jacob
- Lasch, C. (1984). *The minimal self*. New York: Norton & Company.
- Lasch, C. (1991). *Culture of narcissism: american life in an age of diminishing expectations*. New York: Norton & Company.
- Le Breton, D. (2003a). *L'adolescence à risque*. Paris: Hachette Pluriel Reference.
- Le Breton, D. (2003b). *Adeus ao corpo: antropologia e sociedade*. Campinas, SP: Papyrus.
- Le Breton, D. (2004). O corpo enquanto acessório da presença: notas sobre a obsolescência do homem. *Revista de Comunicação e Linguagens* (Universidade Nova de Lisboa), 33, 67-81.
- Le Breton, D. (2007). *En souffrance, adolescence et entrée dans la vie*. Paris: Métaillé.
- Lebrun, Jean-Pierre. (2004). *Um mundo sem limite: ensaio para uma clínica psicanalítica do social*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.

- Leccardi, C. (2005). Para um novo significado do futuro: mudança social, jovens e tempo. *Tempo social*, São Paulo, 17, 2. Encontrado em 02 julho 2007, www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010320702005000200003&lng=pt&nrm=iso .
- Lesourd, S.A. (2004). *A construção adolescente do laço social*. Petrópolis, RJ: Vozes.).
- Lima, M. C. P. (2008). O sujeito adolescente e a escrita. In Teixeira, L. C. & Bucher-Maluschke, J. S. N. (orgs.) *O sofrimento e seus destinos: psicologia, psicanálise e práticas de saúde*. 259-271.
- Lipovetsky, G. (2004). *Os tempos hipermodernos*. São Paulo: Barcarolla.
- Marty, F. (2006). Adolescência, violência e sociedade. *Ágora*. Rio de Janeiro, v. IX, n. 1, jan-jun, p. 116-131.
- Matheus, T.C. (2003). O discurso adolescente numa sociedade na virada do século. *Psicol. USP*, 14,1.São Paulo.
- Outeiral, J.O. (1994). *Adolescer: estudos sobre adolescência*. Porto Alegre: Artes Médicas. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Paladino, E. O. (2005). *O adolescente e o conflito de gerações na sociedade contemporânea*.
- Pinheiro, M. L. E. & Moura, M. C. M. (2000) *Adolescência: sintoma da modernidade* In Congresso Internacional de Psicanálise e suas Conexões, em 1999, Anais, Rio de Janeiro: Companhia de Freud. 232-241.
- Pontalis, J-B. (2005). *Entre o sonho e a dor*. Aparecida, SP: Ideias & Letras.
- Ramos, N. (2004). *Psicologia Clínica e da Saúde*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Ramos, N. (2008a). Família, cultura e relações intergeracionais. Actas do Congresso *Solidariedade Intergeracional*. (Lisboa, 12-15 Janeiro/05), Univ. Aberta, CEMRI.
- Ramos, N. (2008b). *Saúde, migração e interculturalidade: perspectivas teó-*

ricas e práticas. João Pessoa, EDUFPB: Editora Universitária da Universidade Federal da Paraíba.

Rassial, J.-J. (1996). *Le passage adolescent*. Ramonville: Éres.

Rassial, J.- J. (1997). *A Passagem adolescente: da família ao laço social*. Porto Alegre: Artes e Ofício.

Rassial, J-J. (2000). *O sujeito em estado limite*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.

Rassial, J. J. (2005). *O adolescente e o psicanalista*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud. (Originalmente publicado em 1999)

Richard, F. (2001). *Processus de subjectivation à l'adolescence*. Paris: Dunot.

Rosa, M. D. (2002). Adolescência: da cena familiar à cena social. *Psicologia USP*. V.13, n.2, 227-242.

Ruffino, R. (1993). Sobre o lugar da adolescência na teoria do sujeito. In C.R. Rappaport (Org.), *Adolescência abordagem psicanalítica*. São Paulo: EPU. 25-57.

Ruffino, R. (1995). Adolescência: notas em torno de um impasse. *Adolescência*, V, 11, 41-47.

Ruffino, R. (2000). *Adolescência e Modernidade*. In Congresso Internacional de Psicanálise e suas conexões: O adolescente e a modernidade, Anais, Rio de Janeiro: Companhia de Freud. 37-52.

Saggese, E. (2000). *Adolescência e modernidade*. In Congresso Internacional de Psicanálise e suas Conexões, 1999, Anais, Rio de Janeiro: Companhia de Freud. 253-259.

Teixeira, L.C. (2001). Sobre quimeras contemporâneas, ciência e psicanálise. *Revista Mal-estar e subjetividade*, 1 (1), 151-171.

Teixeira, L.C. (2003). El cuerpo en La contemporaneidad y La clinica psicossomática. *Terapia Psicológica*, 22, 2, 171-176.

Teixeira, L. C. (2006). Um corpo que dói: considerações sobre a clínica psicanalítica dos fenômenos psicossomáticos. *Latin Journal of Fundamental psychopathology on line*. Encontrado em 12 maio, 2008, <http://www.fundamentalpsychopathology.org>

Tisseron, S. (2001). *L'intimité surexposée*. Paris: Hachette.

Weinberg, C. (2001). *Geração delivery: adolecer no mundo actual*. São Paulo: Sá

Winnicott, D. (2001). Adolescência: transpondo a zona das calmarias. Em *Família e desenvolvimento individual*. São Paulo: Martins Fontes. (Originalmente publicado em 1962). 115-127.